

**A temática como ferramenta do discurso: Uma análise comparativista.
Irmãos Grimm e João Carlos Marinho: personagens femininas e violência.**

Tatiana Colla Argeiro¹

RESUMO: Este trabalho busca uma análise sob a ótica do discurso bakhtiniano e da literatura comparada acerca da temática da violência na literatura infantil/juvenil, uma vez que se trata de assunto de grande relevância tanto na educação quanto na vida corrente atual. Além disso, procuramos aqui fazer uma ligação entre tal temática e duas personagens femininas, Chapeuzinho Vermelho e Berenice.

ABSTRACT: This paper aims the analysis of the theme “violence” in children’s literature through the Bakhtinian concept of discourse and the comparative literature, since it is a subject of major importance both in the area of education and daily life. Moreover, we seek here to connect this theme to two female characters, Little Red Riding Hood and Berenice.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura, violência, personagens femininas.

KEYWORDS: Literature, violence, female characters.

Para entendermos melhor a produção e recepção artística, temos recorrido com bastante frequência a seu estudo temático. Antes de qualquer coisa, é importante diferenciar os dois aspectos da palavra “tema”. O primeiro é relacionado com o termo alemão *Stoffgeschichte*, ou seja, história da matéria. Este é o aspecto do tema que privilegia o conteúdo do texto.

Por outro lado, tema pode ser a idéia central, a diretriz de um enunciado, tornando-se, segundo MACHADO et PAGEAUX (1998) “*estrutura do princípio organizador dum texto.*”

O tema pode ser entendido como uma transformação de determinado fator social em matéria artística. Não basta, assim, que exista apenas no universo extratexto, mas deve se tornar estrutural nele.

Não poderia ser diferente em literatura infantil/ juvenil, que, segundo Nelly Novaes Coelho, “*tornou-se um dos campos em que estão sendo semeados valores que, sem dúvida, integrarão a nova mentalidade futura*” (COELHO, 2000, p. 19).

¹ Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP.

Desta forma, torna-se essencial a compreensão das temáticas abordadas, não apenas enquanto material artístico, mas sobretudo como estrutura literária. Sobre isso, Antônio Cândido trata ao discutir a importância do elemento social na literatura. Este elemento, sendo externo ao texto (em forma de material sociológico, como violência, sexualidade, política, etc.) nos interessa na obra de arte a partir do instante que passa a ser interno a ela, servindo de estrutura textual. Segundo ele, *“sabemos, ainda, que o externo (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se assim, interno.”* (CÂNDIDO, 2000, p. 6)

Para que caminhemos em nossa análise, é ainda importante esclarecer a significação do estudo artístico sob a luz do social, o que liga imediatamente arte e ideologia, sem necessariamente sermos panfletários.

Ana Maria Machado, citando Albert Camus, dá-nos uma boa idéia da relação arte e contexto, através da figura do autor: *“o que alguém é e pensa aparece forçosamente no que esse alguém escreve, apesar de si mesmo”* (MACHADO, 1999, p. 35).

Portanto, ainda que não haja intencionalidade, a cultura social perpassa o texto, através da percepção do autor.

Neste ponto, a teoria de Machado se une à idéia de discurso bakhtiniano, que prevê o texto como produto de uma visão social, sendo assim, influência natural na expressão artística. Segundo ele, *“as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais”* (BAKHTIN, 2006, p. 42).

Assim sendo, faz-se necessário analisar a questão da prática social como mecanismo de percepção da realidade, que reflete elementos do discurso vigente. Através da prática social (ou na terminologia de Greimás, “percepção”) fazemos nossa leitura de mundo, e naturalmente, a transmitimos para as produções artísticas.

Assim, ao analisarmos temáticas e conceitos diversos, seja como material literário seja como estrutura de texto, é fundamental que tenhamos em mente este mecanismo, para que possamos nos posicionar de maneira mais consciente perante a obra.

Violência como tema

Falar de qualquer tema social representado em literatura é traçar seu caminho desde sua condição de elemento externo até sua interiorização como estrutura textual. Para chegarmos até esta etapa final, há necessidade de se compreendê-la através do filtro cultural que faz sua leitura, ou seja, a prática social.

Com isso em mente, devemos nos perguntar, não apenas o que é violência, mas sim: o que é violência em determinada época, em determinada sociedade. Para que busquemos sentido em um texto do século XVIII, como *Chapeuzinho Vermelho*, é necessário que pratiquemos o olhar da época, e certamente o texto literário nos mostra um caminho até esse fim.

Partindo das definições atuais de violência, podemos listar uma série de categorias gerais a partir das quais se podem extrair ainda outras mais: violência física, sexual, política, cultural social, verbal, psicológica, etc.

Independente das inúmeras definições e teorias acerca do tema, que vão desde explicações religiosas para a violenta essência humana (com Caim e Abel e a própria descrição punitiva do Deus cristão) até elaborações psicanalíticas sobre as pulsões de vida e morte dos bebês, há um ponto central que une toda e qualquer definição: a violência é dialética, supõe uma oposição de dois contrários, nem que seja “razão e desrazão”. (CARAM, 1978)

Para fazermos a leitura comparada entre os textos dos Irmãos Grimm e João Carlos Marinho, partiremos da seguinte proposição de Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux: a respeito da literatura comparada “*consiste em relacionar dois ou vários textos que, por sua vez, se relacionam com e relacionam entre si duas ou várias literaturas, duas ou várias culturas*” (MACHADO et PAGEAUX, 1998, p. 196).

Aqui, nos preocuparemos com as relações dos textos não apenas com suas culturas, mas com os discursos de suas determinadas épocas.

Chapeuzinho Vermelho

O texto que será usado na análise seguinte é da versão dos Irmãos Grimm, do século XVIII, a qual serve de base para as adaptações até os dias de hoje.

Nesta versão, Chapeuzinho sai de casa sob orientação de sua mãe, para que tenha cuidado não com lobos ou perigos na floresta, mas com a garrafa de vinho que leva para sua avó. Sua mãe pede que ela tenha cuidado para não derrubar a garrafa nem os alimentos que carrega. A menina sai sozinha, encontra o lobo, mas “não teve medo.” O lobo, precisando ser astuto para pegar não apenas a menina, mas também sua avó, elabora um plano e chega à casa da senhora antes de Chapeuzinho: “Será muito melhor devorá-la que devorar a velha. Tenho de agir com astúcia para pegar as duas”.

Na maior parte das versões, o lobo engole a avó e a menina, sendo que, a partir dos Grimm, Chapeuzinho não mais se despe e deita-se com o lobo, como o faz na versão de Charles Perrault, de um século anterior. Também, a partir dos irmãos alemães, existe no conto a figura do caçador, inexistente até então.

Com a chegada do caçador, as duas são retiradas da barriga do lobo: “o caçador ‘apontou a espingarda para matá-lo, mas se lembrou de que ele certamente tinha devorado a velha e talvez ela ainda pudesse ser salva. Assim, largou a espingarda e pegou uma tesoura, com a qual cortou, com muito cuidado, a barriga do lobo’.”

Não contente com a salvação, a menina se vinga do lobo, colocando em sua barriga pedras bem pesadas, que o matam ao caminhar: “Chapeuzinho Vermelho foi buscar umas pedras bem grandes, que foram metidas na barriga do lobo, devidamente costurada. Quando o lobo acordou, quis caminhar, mas as pedras eram muito pesadas e ele caiu morto.”

Nesta versão, há também uma continuação que muitas adaptações contemporâneas excluíram, mas que é de suma importância para nossa análise.

Existe uma segunda visita, e Chapeuzinho encontra outro lobo, no caminho da casa de sua avó. Dessa vez, entretanto, a menina “não se ilude”, e segue adiante. Já na casa da avó, o lobo bate à porta, mas as duas estão preparadas: “A avó, porém, percebeu o que ele estava tramando, e teve uma idéia. (...) A menina carregou água até o cocho ficar bem cheio. O lobo sentiu o cheiro das salsichas e começou a esticar o pescoço, (...) acabou escorregando e caindo do telhado, no grande cocho, e se afogou”. Assim, as duas usam a experiência adquirida com o primeiro episódio e se livram do malfeitor.

Este é um conto amplamente analisado, por vias literárias e até mesmo psicanalíticas. Chapeuzinho se tornou um arquétipo, traçando o caminho inverso da personagem ao arquétipo, e faz parte do imaginário popular desde então.

Conhecendo a histórias dos contos folclóricos, e sua subsequente passagem para a escrita, e levando em consideração as características históricas do período, podemos notar,

não apenas uma intenção de alertar meninas sobre andar sozinhas e ter cuidados com homens perigosos, mas uma expressão da prática social da realidade do período. Sem necessariamente haver intencionalidade, o texto traz em si uma leitura daquele mundo, com seu discurso vigente e as preocupações da sociedade.

Com relação à violência, a linguagem crua e direta nos mostra os atributos animalescos do lobo como mais dotados de valores negativos de violência, do que o fato de uma menina e sua avó o matarem de maneira calculista. Sobre isso trataremos detalhadamente mais adiante.

Berenice contra o Maníaco Janeloso,

a obra de João Carlos Marinho é conhecida por tratar seu material artístico com grande realismo. Segundo Nelly Novaes Coelho, a geração de escritores da qual este autor faz parte, representa um momento literário que busca

preparar psicologicamente os pequenos leitores para enfrentarem sem ilusões, mais tarde ou mais cedo, as dores e sofrimentos da vida. (São livros que escolhem como problemática temas de sempre, - como a morte; ou temas mais recentes e não menos dolorosos, - como (...) o problema dos tóxicos; as injustiças sociais; o racismo; as crianças abandonadas; a marginalização da mulher; etc. É, via de regra, uma literatura pessimista que se fecha para a vida plena. Claro sinal destes tempos de violência e desequilíbrios, invadindo todos os recantos da vida humana. (COELHO, 1991, p. 265)

Assim, no livro analisado, temos a equipe de detetives mirins que são os protagonistas da maior parte da obra deste autor, consagrada pelo “O Gênio do Crime.” Estes detetives são crianças de aproximadamente onze anos que saem em busca de criminosos e se envolvem nas mais diversas situações.

Nesse livro, o título aponta a menina do grupo, Berenice, como protagonista. O bandido é um maníaco que alveja professores e alunos em plena sala de aula, posicionado de algum telhado em volta da escola.

Assustados e prontos para sair em busca do bandido, o grupo se une, e com Berenice à frente, vai até a delegacia cobrar informações do delegado. É interessante notar que as crianças atuam como adultos, donas de suas atitudes e bastante autônomas. Os pais praticamente não têm atuação, e as personagens adultas se nivelam com as crianças.

Ao sair da delegacia, munida de informações sobre o tal maníaco, inclusive de suas características físicas, Berenice entra sozinha em um táxi, em direção ao dentista. Astuta, a menina nota que o motorista não é o dono do carro, e tem o seguinte pensamento: “*Nossa,*

pensou Berenice, essas orelhinhas pequenas, bem para trás da cabeça, tipo vampirinhas, são do maníaco! (...) A menina estava no carro, como o maníaco janeleiro” (MARINHO, 1997, pág 52) Berenice reconhece o bandido usando, inclusive, um antônimo da famosa frase de Chapeuzinho: *“para que essas orelhas tão grandes?”*

Reconhecido o maníaco, Berenice precisa fugir, mas sente medo. E elabora um plano:

Se eu fujo, o maníaco fica livre. Quero tentar um meio que ele seja preso.
(...) –Achei! Eu estudo mesmo na Cultura, vou fingir que esqueci um caderno lá, entro na Cultura, telefone pra delegacia, do outro lado da rua, enquanto o maníaco me espera”. O bandido, no entanto, é mais esperto, e percebe o plano: “Você ia me aprontar uma cilada, menina! Agora vou matá-la! (...) Berenice gritava e batia as mãos no vidro da janela, (...) mas como a população de São Paulo está acovardada e indiferente perante o crime, as pessoas fingiram que não viram e não tomaram nenhuma providência” (MARINHO, 1997, pág 55)

Resolvendo agir, Berenice crava suas unhas nos olhos do maníaco, que bate o carro. Ele ainda tenta levá-la consigo, mas “mas o dono do caminhão tinha dois ajudantes. Eles tiraram você dos braços do maníaco”, ou seja, Berenice é salva pelos caminhoneiros.

A partir daqui, quem assume a ação contra o maníaco é o Gordo, ex-namorado de Berenice, por quem ela ainda é apaixonada. A menina não age diretamente contra o bandido, ou seja, não se envolve na parte física da ação, mas age como chefe dos detetives, elaborando as hipóteses e delegando tarefas, dada sua inteligência. Em uma citação sobre os soldados que desembarcam para uma ação policial, notamos uma relação discursiva de nossa prática social no que se refere à ligação gênero/ inteligência/ violência: “Quarenta soldados, altos, gordos, fortes, sem pescoço, com olhar de QI menos quatro, escudo transparente na mão esquerda, cassetetes elétricos descerem do caminhão”.

Berenice desvenda a intenção do maníaco, perante os meninos que ela chega a chamar de burros. Em algumas passagens, Berenice está em clara posição de superioridade, como no momento, em que, explicando sua teoria a Pituca, coloca sua mão no ombro do menino, que escuta curioso e obediente às suas explicações.

No desfecho do caso, enquanto os meninos participam de uma verdadeira batalha, com direito a fuzis e helicópteros, Berenice procura mais uma vez o delegado, e descobre que o subdelegado é o chefe da quadrilha que usava o maníaco como fachada para seus crimes. Assim, a batalha final é entre os dois chefes: o subdelegado e a chefe intelectual dos detetives, um adulto armado e uma menina de onze anos.

“Doutor José pegou um esparadrapo muito largo, cortou com a tesoura, colocou uma tira em volta do nariz e outra em volta da boca de Berenice.

Berenice sentiu falta de ar, começou a debater-se, a mão do subdelegado a segurava.

-Em três minutos você estará morta.

(...)

A menina viu pontinhos amarelos e luminosos dançando no ar: o fim estava próximo.” (MARINHO, 1997, pág 120)

A menina, repetindo a situação passada no acidente de carro, em que foi salva pelos caminhoneiros, precisa mais uma vez de ajuda.

“A porta lateral abriu-se com um barulho. O gordo havia dado um pontapé na porta: o Pancho entrou na sala e pulou no pescoço do doutor José. O Pancho não rosnava, o ataque dele era silencioso, ia tirando pedaços de pescoço do doutor José” (MARINHO, 1997, pág 120).

Não satisfeito em salvar Berenice e desmascarar o subdelegado, o Gordo precisa reanimar sua ex namorada, que está roxa e desfalecida, frágil ao ataque do criminoso. Ao ser acordada com respiração boca a boca feita pelo gordo, Berenice diz: “-*Delícia, gordinho, faz de novo.*” (MARINHO, 1997, pág 121)

Como resultado de uma prática social contemporânea, Berenice ainda resguarda a fragilidade feminina frente à violência, e, ainda que dotada da inteligência que move a ação física, se abstém dela. Precisa ser salva pela figura masculina, seja em papéis temáticos paternalistas, como os caminhoneiros, seja no papel temático do príncipe, representado pelo gordo.

Interdiscursividade

Conforme proposto acima, a partir da teoria de Machado e Pageaux, a intenção deste trabalho é realizar uma leitura comparativista de dois discursos, de duas práticas sociais, e notar em que pontos se afastam e em que pontos se unem.

Em *Chapeuzinho Vermelho*, temos:

- proteção adulta (a mãe numa ponta da estrada e a avó na outra, a esperando)
- ela não pensa sozinha, age por impulso.
- sofre a violência sem reação

-é salva por uma figura masculina, o caçador.

-há um aprendizado final. Ela encontra outro lobo e não fala com ele. A avó ajuda a pensar, ainda.

Em *Berenice*, temos:

-não há proteção adulta, ela é autônoma, independente.

-pensa por si, é dela que parte a inteligência do grupo

-sofre a violência e procura agir.

-ainda que procure agir, precisa da figura masculina para salvá-la.

-não há sinal de aprendizado final. Da sala ensangüentada ela vai direto para a rua, andar de skate.

Assim sendo, é curioso notar como a influência do arquétipo de Chapeuzinho, ainda que alterada pela prática social, mantém um elemento importante de sua essência: a presença do salvador masculino e a fragilidade física da mulher perante a violência.

Esta, por sua vez, acaba sendo trabalhada como característica masculina, respondendo, naturalmente, ao discurso social, que, através desta análise, mostra ter mudado pouco em relação ao século XVIII, quando o assunto é o envolvimento da mulher com atitudes violentas.

Para concluir, é necessário apontar que, ainda que o salvador masculino faça parte de nosso discurso e prática social, através de *Berenice*, notamos uma transformação importante, uma vez que há intensa participação feminina no enredo e estrutura da obra. Sua não atuação direta em atos violentos, não a coloca em igualdade plena com o arquétipo de Chapeuzinho, pois sua autonomia e dinamismo se distanciam da menina sozinha na floresta, como mostramos acima.

Para finalizar, retomamos a fala de Antonio Cândido (2000) no que se refere à internalização do fator social na obra. A temática da violência nestas duas obras, não aparece unicamente como material estético, mas age como estrutura em ambas, a serviço do discurso e visão de mundo de ambos os períodos.

Referência Bibliográfica

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. SP: Ed. Annablume, 2002
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. SP: Editora Hucitec, 2006
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade*. SP: Cultrix, 1995
- CARAM, Dalto. *Violência na sociedade contemporânea*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1978
- CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. SP: Publifolha, 2000
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil*. SP: 4 ed, Ed. Ática, 1991
- _____. *Literatura Infantil. Teoria. Análise. Didática*. SP: Ed. Moderna, 2000
- GRIMM, Jacob & Wilhelm. *Chapeuzinho Vermelho*. In *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000.
- MACHADO, Ana Maria. *Contracorrente. Conversas sobre leitura e política*. SP: Ed. Ática, 1999
- MACHADO, Álvaro Manuel et PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1998
- MARINHO, João Carlos. *Berenice contra o maníaco janeloso*. SP: Ed. Global, 1997.